

EM BUSCA DE UMA TEORIA DA FAMÍLIA NA OBRA DE MAX WEBER

Márcia Thereza Couto*

SUMÁRIO

Analisa como em diversos momentos da obra de Max Weber o tema Família suscita a reflexão do pensador alemão. Assinala como o interesse do autor pelo tema se concentra nos estudos comparativos das religiões mundiais e das suas análises sobre o capitalismo, sobretudo como exposto em sua obra-prima, *Economia e Sociedade*. Dessa forma, pretende trazer as idéias weberianas para a discussão sobre família no pensamento social clássico.

Palavras-chave: Max Weber, teoria social, grupo doméstico, capitalismo, família, religião.

Apresentação

Poucos cientistas sociais exploraram tantos e diferentes assuntos de forma tão incansável quanto rica como Max Weber. Como aponta Diggins, ele

...refletiu sobre assuntos tão variados quanto os camponeses russos, e os índios de Oklahoma, tipos de poder através da história e possibilidades de liberdade numa era de burocracia, o animismo místico de religiões não ocidentais e os mecanismos

* Doutora em Sociologia pela UFPE, pesquisadora da Faculdade de Medicina da USP.

antiespirituais do racionalismo ocidental; uma teoria da política que ressaltava a liderança e a responsabilidade ética e uma teoria da investigação científica que servia de caução contra intrusões éticas; o judaísmo antigo e o Torá e as mulheres e o erótico.

Assim, não estranha que, decorridos quase oitenta anos de sua morte, não cessem as tentativas revisionistas sobre sua obra, sejam elas promovidas por admiradores ou críticos.

Entretanto, numa pesquisa sobre a vasta gama de assuntos investigados pelo autor, o tema Família é pouco encontrado.² Talvez porque, ao contrário de um outro clássico³, Weber não tenha se debruçado objetiva e sistematicamente sobre este tema. Portanto, uma tentativa de abordar a Família em Max Weber só é possível a partir de uma garimpagem em sua extensa e profunda obra. Trabalho definitivamente árduo, que apenas parece ter sido iniciado por Collins⁴, no que constitui um capítulo de sua obra *Weberian Sociological Theory*.

A despeito dos temas relativos à Família não aparecem nos escritos weberianos de forma significativa, acredito, tal como Collins⁵, que de uma leitura mais atenta é possível sinalizar para a recorrência com que o tema se apresenta e aventar a possibilidade de extrair, senão uma teoria weberiana sobre família, ao menos sugestivas considerações do autor que podem ser úteis no entendimento de sua obra e no que toca esta temática que mobilizou boa parte dos fundadores da Sociologia. Neste sentido, com o intuito de contribuir com a visão de Weber sobre a Família no âmbito dos clássicos da teoria social, selecionei três trabalhos do autor: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, *Economia e Sociedade* e *Religião e Racionalidade Econômica*.

Os critérios de escolha estiveram ligados, antes de mais nada, ao caráter da localização em termos de produção intelectual do que Cohn⁶ considera como os três principais períodos de produção de Max Weber. Respectivamente, de 1903 a 1906 (momento em que se destacam seus principais escritos metodológicos, assim como um de seus mais lidos e discutidos trabalhos, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, o qual foi selecionado); de 1911 a 1913, período em que redigiu o essencial de sua obra máxima, também selecionada, *Economia e Sociedade*; e de 1916 a 1919, momento em que retoma e dá forma final a vários temas de que já se ocupara e período também no qual redige três dos quatro estudos previstos sobre a “Ética econômica das religiões mundiais”. Como exemplo

deste período, foi selecionado o texto *Religião e Racionalidade Econômica*.⁷

A família (“tradicional”) como obstáculo ao capitalismo racionalizado

A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, publicada pela primeira vez em 1904, tem, até o presente, gerado discussões acaloradas. Nesta obra, emergem três pontos que irão constituir as bases da preocupação sobre a origem do capitalismo em Weber. O primeiro diz respeito à constatação de que o Ocidente, na era moderna, veio a conhecer um tipo nunca antes encontrado de capitalismo: o racional assentado no trabalho livre. Um segundo remete à noção de que o “novo” espírito do capitalismo não se resumia à busca do mero enriquecimento. O que possibilitou, segundo ele, a superação desta “noção ingênua” de capitalismo, estava definido, em sua base, por um princípio de conduta ética regulada no cotidiano. Em terceiro lugar, a constatação da “afinidade eletiva” entre o espírito secular do capitalismo e o protestantismo ascético, especialmente o Calvinismo. Assim, resumindo drasticamente sua tese: os calvinistas buscaram a prova da “eleição” pelo sucesso na atividade mundana. Por outro lado, o gozo da riqueza era condenado, o que impedia gastos em consumos despropositais. Como consequência, o comércio tornou-se regulado por disposições motivacionais que antes inexistia.⁸

Nesta obra, em apenas 3 passagens Weber fez referência a assuntos relativos à família. Na primeira, logo no capítulo inicial (“Filiação religiosa e estratificação social”), ele tocou numa questão, já polêmica em sua época:

(...) o fato de os líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital, assim como dos níveis mais altos da mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnica e comercialmente especializado das modernas empresas, serem preponderantemente protestantes.⁹

A partir de uma investigação com base em estatísticas, Weber argumentou que a maior participação dos protestantes nestas posições pode, apenas em parte, ser associada à maior riqueza material por eles herdada. Para ele, outros fatores deveriam ser alocados, entre eles, “o tipo de ensino superior propiciado por católicos e protestantes aos seus respectivos filhos”¹⁰. Os diferenciais em termos de riqueza herdada não

eram significativos e, mesmo se fossem, não seriam suficientes para explicar o porquê da inclinação dos católicos em propiciarem uma educação fornecida pelo “ginásio humanístico”, enquanto que entre os protestantes o acento recaía sobre os “institutos modernos” (institutos politécnicos), especialmente os voltados aos estudos técnicos, comerciais e industriais. Somado a isto, no plano do trabalho, os católicos permaneceram voltados para o artesanato, tornando-se, muitas vezes, mestres-artesãos; enquanto os protestantes estavam mais atraídos pelas fábricas, onde preenchiam as camadas superiores de mão-de-obra especializada e as posições administrativas.

A explicação desses casos está, sem dúvida, nas peculiaridades mentais e espirituais adquiridas do meio, especialmente do tipo de educação propiciada pela atmosfera religiosa do lar, as quais determinam a escolha da ocupação e, através dela, da carreira profissional.¹¹

Na segunda passagem, que também se assenta num posicionamento crítico ao tradicionalismo como obstáculo ao espírito do capitalismo, e já no capítulo “O espírito do capitalismo”, Weber argumentou que o trabalho constitui um fim em si mesmo e é um valor condizente com o capitalismo. Ofereceu, então, um exemplo de como a “educação familiar de base religiosa” estabeleceu um laço profundo com o tradicionalismo:

Uma imagem retrógrada da forma tradicional do trabalho é atualmente apresentada muitas vezes por operárias.... Uma queixa quase universal dos empregadores de moças, pelo menos no que diz respeito às jovens alemãs, é a de mostrarem que elas, em geral, desinteressadas e quase incapazes de abandonar métodos de trabalhar herdados ou aprendidos, em favor de outros mais eficientes, de se adaptar a esses novos métodos, de aprender, de concentrar sua inteligência ou mesmo de fazer uso dela. Explicações da possibilidade de tornar mais fácil o trabalho, principalmente mais proveitoso a elas, encontram, geralmente, uma completa ausência de compreensão. O incremento de escala de salários choca-se impotente contra a muralha do hábito reforçado pela educação familiar.¹²

O tradicionalismo familiar também foi interpretado por Weber como obstáculo ao desenvolvimento de um capitalismo racionalizado no

texto *Religião e Racionalização Econômica*. Neste texto, ele buscou aprofundar a compreensão da questão proposta já em *A Ética...*: em que medida as concepções religiosas têm influenciado o comportamento econômico das diferentes sociedades? Recorrendo a uma análise histórica comparativa¹³ com referência às religiões da Índia e China (hinduísmo, taoísmo, budismo e confucionismo), Weber ratificou a importância conferida à racionalização que a religião ascética apresentava, o que influenciou, de modo singular, a origem de um *ethos* capitalista. Para ele, seriam dois os critérios básicos que se relacionariam intimamente na conformação deste *ethos*:

(...) o primeiro é o grau em que uma religião despojou-se da magia; o outro é o grau de coerência sistemática que imprime à relação entre Deus e o mundo e, em consonância com isso, à sua própria relação ética com o mundo.¹⁴

Tomando como exemplo sua comparação entre o protestantismo e o confucionismo, percebe-se que para Weber o “desencantamento do mundo” foi levado às últimas conseqüências no primeiro, promovendo uma completa eliminação da magia. Enquanto no confucionismo a magia mostrava-se intacta no significado positivo da salvação, ao mesmo tempo em que não promoveu o rompimento com a tradição referenciada nos laços de parentesco, e de uma ética baseada na comunidade de sangue, o contrário se verificou no protestantismo. Em verdade, sublinhou Weber, a separação entre o confucionismo e o protestantismo apresentou-se “(...) no contraste entre a adaptação ao mundo num caso e a transformação do mundo no outro”¹⁵. Mas isso não significou, para ele, ausência de racionalismo no confucionismo. Muito pelo contrário. Em resumo, enquanto o racionalismo confuciano significava a “adaptação” racional ao mundo, o racionalismo puritano significava a “dominação” racional do mundo.

Também em *Economia e Sociedade*, especialmente na parte de Sociologia da Religião, é possível constatar o mesmo argumento de Weber. Ao tratar da ética religiosa, argumentou que esta penetra na esfera da ordem social de diferentes formas. Mas, o conteúdo de toda a ética religiosa, além dos preceitos mágicos particulares, está condicionado às especificidades das relações familiares que as influencia fortemente. Assim, o confucionismo está associado à organização política de dominação de tipo patriarcal¹⁶ e burocrático patrimonial. A subordinação à autoridade familiar é um sinal de qualidades política e social. Para Weber,

(...) uma oposição polar a isto representa o rompimento dos laços familiares por meio de uma forma mais radical de religiosidade congregacional: quem não puder odiar seu pai, não pode ser discípulo de Jesus.¹⁷

Voltando ao livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, vemos que a terceira passagem em que a família é lembrada é bastante diferente das anteriores, já que trata não das bases motivacionais propulsoras do espírito do capitalismo, mas de seu desenvolvimento ulterior. Assim, no fim do capítulo sobre o tema, Weber mostrou que, já no seu tempo, o Espírito do capitalismo não necessitava mais do suporte de qualquer força religiosa. Numa época em que o capitalismo tornou-se dominante e emancipou-se de suas antigas bases religiosas, Weber considerava superada a relação entre crença religiosa e conduta, sobretudo apoiada na educação familiar. E, caso existisse, a relação tenderia a ser negativa. Assim, nesta fase ulterior, e desprendido das raízes de comportamento ascético, chegou-se à fase do: “domínio patrimonial, e o brasão de família, com os filhos tendo na universidade e no corpo preparatório de oficiais um comportamento que torna esquecida a sua origem”¹⁸.

O que se observa nas passagens comentadas é um dos seus principais argumentos sobre a Família que, enquanto instituição, teve importante papel em obstaculizar o desenvolvimento do capitalismo racionalizado. Primeiramente, nas passagens em que se interrogava sobre as razões pelas quais as regiões de maior desenvolvimento econômico foram, ao mesmo tempo, favoráveis a uma revolução (Reforma) na Igreja. E, em seguida, em seus estudos comparados da China e Índia, quando ressaltava que o grupo consangüíneo precisou ser superado para que o capitalismo racionalizado pudesse emergir. Explorando as características dos grupos consangüíneos nestes ambientes, Weber mostrou que o grupo consangüíneo chinês, a despeito de sua corporativa organização econômica, promoveu apenas um “capitalismo orientado para oportunidades políticas”, mais que um capitalismo racionalizado preocupado com o mercado. Tomando um argumento similar para a Índia, apontou que a quebra da estrutura corporativa consangüínea foi um ponto crucial de mudança para a possibilidade de um capitalismo racionalizado.

Família, uma instituição sexual e econômica

Economia e Sociedade constitui-se num tratado de Sociologia geral e que, ao mesmo tempo, desenvolve uma Sociologia econômica, jurídica, política e religiosa. É por muitos considerada a obra maior de Max Weber. Tendo como objetivo tornar inteligíveis as diferentes formas de Direito, Economia, dominação e religião inserindo-as num coerente sistema conceitual, tem como objeto a história universal. Mas, em se tratando de uma obra sociológica e não histórica, orienta-se para o presente; o recurso à história cabe no sentido de evidenciar a originalidade da cultura ocidental.¹⁹

O descritor ‘família’ aparece algumas vezes nesta obra, assim como outros temas relacionados.²⁰ Dividida em “Teoria das categorias sociológicas” e “A economia, as ordens e os poderes sociais”, encontram-se, na primeira, referências ao tema especialmente nos tópicos “as categorias sociológicas da vida econômica” e “tipos de dominação”, particularmente no tipo “patrimonial”. Entretanto, nas oito vezes em que o descritor ‘família’ aparece, nenhuma tem qualquer relevância maior, já que Weber usava o termo como forma de exemplificar outro assunto em questão. Na segunda parte, ao contrário, apesar de o tema se apresentar de forma igualmente dispersa, é mais recorrente, o que possibilita uma maior sistematização. Somado a isto, no tópico “tipos de comunidade e sociedade”, Weber discorreu bastante sobre a “comunidade doméstica” como um dos principais tipos de comunidade. O exame realizado sugere algumas particularidades da abordagem weberiana do tema especialmente nesta parte.

A abordagem de Weber sobre a família parece não ter como ponto de partida a usual ênfase sobre a família nuclear ou os sistemas de linhagem matrilinear ou patrilinear. Ao contrário, estes parecem ser aspectos que derivam de uma abordagem na qual são enfatizadas as relações políticas e econômicas mais amplas.²¹ As principais referências em *Economia e Sociedade* recaem sobre a comunidade doméstica e o clã. A forma básica de comunidade doméstica é um grupo de residência e consumo comum, que Weber denominou de “comunismo doméstico”. “A comunidade doméstica em sua forma ‘pura’ significa econômica e pessoalmente solidariedade frente ao exterior e comunismo no consumo dos bens cotidianos”²². A comunidade doméstica não coincide necessariamente com a família, pois ela pode incluir mais do que os membros da família (como

serviçais e escravos), ou menos (como no caso de sociedades tribais onde os esposos alimentam-se separadamente em diferentes grupos domésticos). O clã, por sua vez, representa a rede mais ampla, consistindo em todos aqueles que são de certa forma relacionados pelo sangue. Weber enfatizou que o clã era especialmente uma unidade protetora e militar. Ele poderia mais explicitamente ser organizado como uma sociedade militar secreta ou uma “casa de homens”. Ou poderia ser organizado como um clã totêmico, com regras mágicas e ritualísticas, separando os que tomam parte no grupo dos que não tomam parte. O que Weber enfatizou, também, foi que nenhum destes era primordial. Devemos, antes, visualizar na análise suas configurações particulares (especialmente econômica e política) e locais.²³

Esta preocupação com as configurações políticas e econômicas específicas sugere que para Weber não existiam relações fixas de poder entre a família ou a comunidade doméstica e o clã. Segundo Collins²⁴, Weber não considerava a comunidade doméstica e os grupos locais de um lado, e o clã de outro, como os únicos atores sociais em cena. Além destes, emergiam grupos territoriais (a comunidade ou vila, a tribo, o Estado organizado). Todos esses podem interferir no grupo familiar ou na comunidade doméstica. Esta é a arena geopolítica da família. Na verdade, os princípios e as variações de cada dinâmica consubstanciam o que se pode considerar como núcleo de uma ‘teoria’ weberiana da família.²⁵

É este realce que promovia em Weber repetidos ataques às teorias de estágios evolucionários dos primeiros historiadores da família como Bachofen e Morgan, e aos marxistas.²⁶ Tomando como exemplo a discussão sobre o tema da prostituição, Weber criticou duramente Engels ao mostrar que a prostituição é muito antiga e que sua origem não guarda relação com a forma de casamento monogâmico. Suas origens são as práticas mágicas de fertilidade dos campos pelo ritual de copulação. Quando organizações religiosas independentes resultaram em sociedades tecnologicamente avançadas levaram adiante tais práticas. Já os ataques políticos e religiosos à prostituição ocorreram quando cultos rivais tornaram-se poderosos. A prostituição, e também o concubinato, foram definitivamente condenados apenas com a ascensão do protestantismo ascético na Europa. Weber sinalizou para a existência de muitas variações. Mas o ponto principal que emerge de sua discussão é que a restrição do sexo para regular laços da família ocorre apenas quando o Estado e a Igreja são estruturados num nível que transcende toda a organização

baseada no parentesco, sendo a moralidade pública parte da reivindicação para a legitimação política da família.²⁷

O tema do direito materno aborígine, ou o matriarcado, também é para Weber um mito. Não há evidência para esta inferência. Do mesmo modo, a grande família estendida com tendência à auto-suficiência representava não a sobrevivência de um estágio de “comunismo primitivo”, mas um desenvolvimento do grupo que pôde ocorrer apenas quando particulares condições políticas e econômicas enfraqueceram o poder do clã.

Não há provas sérias que opõem a afirmação de que o estado de domínio chamado ‘patriarcado’ tenha sido precedido por outros nos povos a partir, pelo menos, do momento em que as relações familiares foram objeto de um desenvolvimento jurídico. É uma hipótese sem valor essa da existência universal de um ‘matrimônio com matriarcado’, hipótese que mescla elementos muito heterogêneos, como a ausência total de toda a regulação jurídica das relações com os filhos... Igualmente errônea é a idéia de um estágio intermediário de matrimônio por raptos que haveria conduzido o regime matrilinear, originário e universal, ao sistema do ‘patriarcado’.²⁸

Um outro aspecto sinalizado nas passagens sobre família em *Economia e Sociedade* é que a própria definição de família está na conjunção de duas esferas, a sexual e a econômica. A família não é simplesmente uma agência para a socialização da criança. A paternidade biológica é menos uma relação tênue fundamentada na comunidade doméstica que uma unidade econômica. Antes, a família é baseada num tipo específico de relação sexual, que tem lugar através do consentimento do clã. Weber definiu o casamento como “relacionamento sexual estável” dentro do contexto da grande comunidade. É o clã que permite e reforça os relacionamentos sexuais. Contra seus desejos, ele não é legitimado. Da mesma forma, o clã determina as regras de acordo com as quais crianças nascidas de um tipo particular de relacionamento sexual terão direitos de propriedade como também serão membros políticos. Em suas palavras:

o conceito de matrimônio só pode se definir em relação a outras comunidades, para além daquela constituída por pai, mãe e filhos. Como instituição social, o casamento nasce em todas as partes em primeiro lugar em virtude da contraposição a

outras relações sexuais que não se constituem como matrimoniais. Pois sua existência significa que não se tolera o nascimento de uma relação contra a vontade do clã... e, sobretudo, que apenas os descendentes de uma certa comunidade sexual estável são acolhidos no círculo mais amplo, de uma associação política, econômica, religiosa ou de outra classe a qual pertence um dos pais ou ambos, em virtude de sua procedência, e recebem tratamento igual aos demais membros.²⁹

Do que se observa, seu argumento não foi construído a partir da unidade pequena para fora, mas de fora para dentro. Embora sua concepção suporte uma semelhança com o posicionamento funcionalista de Malinowski, para o qual a família era baseada numa necessidade universal da criança ser aceita como legítima na sociedade, seu argumento não é funcionalista. Weber não disse que isto era uma regra normativa universal (que todas as crianças devam ser legítimas), pois considerava as variações históricas de tipos de união sexual que resultavam em vários direitos ou falta deles envolvendo a criança. O que Weber demonstrou foi a existência do princípio do privilégio ou da estratificação: apenas certos tipos de relações sexuais reguladas trazem propriedade de direitos, assim como poder e status. E essas relações dominam outras, as quais também podem existir sob uma base regular. Este argumento, segundo Collins³⁰, o aproxima de uma teoria do conflito. A família é essencialmente um conjunto de relações sexuais e econômicas reguladas pelo poder político. Direitos politicamente regulados são traduzidos em propriedade (bens). Os direitos sobre o acesso sexual, chamados de “propriedade sexual”, são organizados e resultam em crianças que são membros de uma instituição econômica comum: a comunidade doméstica. Resumindo, Weber via a família como um complexo de variações nos quais propriedade sexual e econômica estavam conjugadas.

Fatores econômicos e políticos da organização familiar

A análise de Collins³¹, acerca de uma obra que não foi selecionada para este trabalho (*História da Economia Geral*), sugere que para Weber a organização do trabalho masculino e feminino influencia a estrutura da família. O trabalho feminino está associado inicialmente à colheita, e posteriormente à horticultura, tecelagem, cerâmica e ao cuidado de animais

domésticos de pequeno porte. O trabalho masculino está associado à caça, à aragem, ao cuidado de animais de grande porte (gado). Quando a horticultura domina a economia, a organização familiar é geralmente centrada na casa da mulher, quando ela tem controle sobre o processo do trabalho. Conseqüentemente, economias baseadas predominantemente na caça e pastoreio têm a estrutura organizada em torno do homem, sobre quem a mulher é economicamente dependente. Mas Weber também ressaltou o fator militar como sendo sempre altamente significativa. Mesmo na casa centrada no feminino, matrilinear e matrilocal, os homens sempre se apresentavam organizados em alguma versão do clã, freqüentemente com uma “casa de homens” separada. Esta “casa de homens” era usualmente conectada com o parentesco matrilinear.³²

É igualmente reconhecível em *Economia e Sociedade* o quanto Weber enfatizou a organização militar, que promove a dominação sexual. Para Weber, a mulher estava sempre sob o domínio da autoridade masculina: dos homens de sua própria comunidade doméstica ou daqueles que foram comprados para ela. Mais uma vez, ao invés de uma tendência em explicar as práticas de parentesco através de regras culturais abstratas, Weber pôs ênfase na força das realidades política e econômica. Acima de tudo, ele nunca perdia de vista a possível existência da estratificação. Tomando o exemplo do casamento, vemos que para Weber trata-se de uma instituição de apropriação sexual.

O casamento é restringido pela proibição do incesto, a qual Weber apontou para a observância da exogamia. Em primeiro lugar, para evitar a disputa entre os homens da casa. A prática da exogamia era, além disso, referendada na troca de acordos entre grupos aliados. A extensão da proibição do incesto estava determinada pela organização política dos grupos. A endogamia era, igualmente, um fenômeno da organização política. Onde os clãs tornaram-se estratificados por diferenças de riqueza e poder, a endogamia apareceu, colocando status sobre alianças.

Derivando para a monogamia, esta instituição teve origem entre os helenos e romanos. Mas foi o cristianismo que a elevou, por razões ascéticas, à norma absoluta em oposição a todas as demais religiões. A poligamia, ao contrário, se afirmou onde a rigorosa estrutura patriarcal da autoridade política veio favorecer a conservação do arbítrio do senhor da casa.³³

Ascensão e queda da comunidade doméstica

Como vimos, para Weber, a estrutura familiar tradicional precisou ser superada para que o capitalismo racionalizado emergisse. Isto o levou ao interesse em explorar quais as condições que as destruíram. Com isso não se pode dizer que Weber, portanto, tenha deliberadamente se utilizado de esquemas de uma história econômica. Muito pelo contrário. Ele rejeitou a noção na qual a produção doméstica era vista como o primeiro estágio de um desenvolvimento ulterior. Para ele, quando o doméstico tornou-se o centro da economia, geralmente em sociedades agrárias avançadas, desenvolvimentos políticos e militares destruíram a importância do clã.³⁴

Esta é a forma que Weber chama de domínio patriarcal: um despotismo da cabeça masculina, no qual todos os membros da família residem e de onde toda a herança toma lugar. O patriarca tem o poder de designar seus filhos para o casamento. Quando este perde sua força, regras de trocas tradicionais e outras formas de influência do grupo consanguíneo sobre o casamento são interrompidas e destinadas a meros vestígios ou desaparecem completamente. O grupo consanguíneo deixa de ser economicamente importante. Deve-se notar aqui que Weber distingue, e bem, o sistema de parentesco e o grupo doméstico. Para ele, a ascensão da dominação da comunidade doméstica acompanha o declínio do grupo consanguíneo estendido. Um ponto crucial, segundo Collins³⁵, é que o grupo doméstico patriarcal pode ser grande, mas não é intrinsecamente uma forma de parentesco estendida. A principal característica do grande grupo patriarcal é que ele apresenta no seu interior muitas pessoas que não são consanguíneas. Servos, escravos, aprendizes, reféns, etc. O grupo doméstico patriarcal é um estágio intermediário na quebra da sociedade baseada no parentesco, embora ele seja centrado na família. Quando cada um desses grupos torna-se poderoso politicamente, ele pode agir como uma unidade do governo ou da administração. A este caso Weber chamou de dominação patrimonial.³⁶

O domínio patriarcal é, então, uma já relativa forma “moderna”. Todavia, embora ele tenha aberto o caminho para o desenvolvimento de uma economia de mercado racionalizada e uma administração burocrática, através da quebra dos laços do clã, ele permaneceu um obstáculo para desenvolvimentos mais impessoais, sobretudo porque ainda retinha um elemento crucial da organização de parentesco: seu núcleo ainda é a família. Seguindo este argumento, Collins³⁷ e Aguiar³⁸ concordam que a superação

do patriarcado, para Max Weber, se deu mediante o processo de diferenciação das esferas econômica e política, quando a empresa capitalista e a esfera administrativa se separaram do grupo doméstico, criando um sistema de regras impessoais e racionalizadas.

Assim, o desenvolvimento crucial para a ascensão do capitalismo teve como um dos seus fundamentos a transformação da estrutura da família, na qual o domínio patrimonial foi retirado ou apartado da administração governamental. E a ascensão do estado burocrático foi um fator de quebra do clã. O Estado temeu o clã como uma fonte de facções políticas rivais. As profecias religiosas também se constituíram em outro fator de enfraquecimento do clã. Os líderes religiosos carismáticos procuraram formar seus seguidores sem as restrições do clã e seus cultos localizados. Este foi o caso do Cristianismo, que destruiu o maior obstáculo ao desenvolvimento do capitalismo. Aqui, ainda, a mudança atuou de fora para dentro. Fatores políticos e militares trouxeram suporte para o reforço do poder do Estado.

Do trabalho realizado no intuito de trazer o pensamento de Weber acerca da família para o centro das discussões sobre essa temática no pensamento social clássico, vê-se que o tratamento oferecido ao tema família é surpreendente nas obras analisadas. Tal qual usual na análise weberiana, tem-se ilustrado de forma clara, mesmo num tratamento não exaustivo do tema, seu método e sistema de análise. Seu objetivo constituiu-se em identificar a lógica das instituições (família) e de compreender suas singularidades, sem com isso renunciar a uma sistematização flexível que permita ao mesmo tempo integrar fenômenos diversos num quadro contextual único e não eliminar o que constitui sua singularidade.

Referências bibliográficas

¹ DIGGINS, John Patrick. *Max Weber – A política e o espírito da tragédia*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 11.

² Ao contrário deste tema, outros correlatos como a erótica weberiana e as mulheres têm recebido atenção recentemente. Neste sentido, ver Pierucci (1998) e Diggins (1999).

³ O interessante trabalho de Heraldo Souto Maior (1998) aponta que, ao contrário de Weber, Durkheim escreveu consideravelmente sobre a Família, embora tenham sido poucos os que se interessaram em trabalhar este material.

- ⁴ COLLINS, Randall. Weber's theory of the family. In: *Weberian Sociological Theory*. New York: Cambridge University Press, 1986.
- ⁵ Ibid.
- ⁶ COHN, Gabriel. Introdução. *Max Weber – Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1989.
- ⁷ Segundo Cohn (1989), este último texto constitui uma montagem de excertos das conclusões de dois dos trabalhos sobre “a ética econômica das religiões mundiais”: os estudos sobre as religiões da Índia e China.
- ⁸ SOUSA, João; COUTO, Márcia. Relendo Durkheim e Weber a partir do aporte da sociologia histórica. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 15, n. 2, jul./dez. 1999.
- ⁹ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996. p. 19.
- ¹⁰ Ibid., p. 20.
- ¹¹ Ibid., p. 22.
- ¹² Ibid., p. 40.
- ¹³ Que, para ele, tem uma dupla tarefa: apontar traços e idéias semelhantes em épocas e lugares distintos e assinalar traços presentes em dado universo histórico particular que possam ser apontados como “responsáveis” pelas diferenças entre estes e os demais.
- ¹⁴ WEBER, Max. Religião e racionalidade econômica. In: COHN, Gabriel. *Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1989. p. 151.
- ¹⁵ Ibid., p. 155.
- ¹⁶ O poder patriarcal é caracterizado por Weber, como sendo um sistema de normas baseado na tradição. Um outro elemento característico é a obediência ao senhor além da que é devotada à tradição. Sobretudo, as relações de poder neste tipo de dominação são fundamentadas na autoridade pessoal (Weber, 1996b).
- ¹⁷ WEBER, Max. *Economia y sociedad*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 454
- ¹⁸ WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Op. cit., p. 46.
- ¹⁹ ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.
- ²⁰ Através do índice de matérias da obra é possível localizar e realizar leitura sistemática do tema central (família) e outros correlatos (matrimônio, fidelidade, patriarcado, matriarcado, dominação patriarcal, monogamia, poligamia). Ao contrário dos outros trabalhos selecionados, onde a opção foi pela discussão de cada passagem em particular, nesta obra, a opção foi a de uma análise mais genérica, dado o significativo número de passagens que abordam o tema.
- ²¹ É possível dizer, à maneira de Collins (1986), que uma das peculiaridades da abordagem de Weber sobre a família é que esta está relacionada com outros interesses acadêmicos mais gerais como as grandes civilizações e as sociedades

de estados agrários em suas origens na Europa medieval e Ásia. Assim, como economista histórico da Escola Germânica, suas observações sobre a família situam-se em estudos históricos comparativos onde as relações políticas e econômicas são examinadas.

²² WEBER, *Economia y sociedad*. Op. cit., p. 291.

²³ Ibid., p. 289-314.

²⁴ COLLINS, op. cit.

²⁵ Ibid., p. 27

²⁶ Collins (1986) também ressalta o interesse de Weber sobre as teorias marxistas da família. Segundo ele, Weber usou a posição marxista como pano de fundo contra a qual levantou seus próprios argumentos.

²⁷ WEBER, *Economia y sociedad*. Op. cit., p. 470-471.

²⁸ Ibid., p. 303.

²⁹ Ibid., p. 290.

³⁰ COLLINS, op. cit.

³¹ Ibid.

³² Ibid., p.278-279.

³³ WEBER, *Economia y sociedad*. Op. cit., p. 305.

³⁴ Ibid., p. 305-306.

³⁵ COLLINS, op. cit.

³⁶ WEBER, *Economia y sociedad*. Op. cit., p. 305-307.

³⁷ COLLINS, op. cit.

³⁸ AGUIAR, Neuma. Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In: *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

Bibliografia

AGUIAR, Neuma. Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In: *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997.

COLLINS, Randall. Weber's theory of the family. In: *Weberian Sociological Theory*. New York: Cambridge University Press, 1986.

COHN, Gabriel. Introdução. *Max Weber – Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1989.

DIGGINS, John Patrick. *Max Weber – A política e o espírito da tragédia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O sexo como salvação neste mundo: a erótica weberiana nos Ensaios Reunidos de Sociologia da Religião*. [Trabalho apresentado nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo, 22-25 de nov. 1998].

SOUSA, João; COUTO, Márcia. Relendo Durkheim e Weber a partir do aporte da sociologia histórica. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 15, n. 2, jul./dez. 1999.

SOUTO MAIOR, Heraldo. *Durkheim e a família – Da “Introdução à Sociologia da Família” à “Família Conjugal”*. [Trabalho apresentado no XXII Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambú-MG, 27-31 out. 1998]

WEBER, Max. Religião e racionalidade econômica. In: COHN, Gabriel. *Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1989.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996a.

WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996b.

ABSTRACT

Searching a Theory of Family in Max Weber's work.

The article analyses how in many parts of Max Weber's work the theme of the family raises a peculiar kind of reflexion in that German thinker. Stresses the way that author interest in that theme concentrates in the comparative study of worldwide religions and his analyses of capitalism, mostly as presented in his masterpiece *Economy and Society*. Thus, the article intends to bring to a discussion about the family in the classical social thought.

Key words: Max Weber, social, theory, family group, capitalism, family, religion

RÉSUMÉ

A la recherche d'une théorie de la famille dans l'oeuvre de Max Weber.

L'auteur analyse comment, à divers moments de l'oeuvre de Max Weber, le thème "famille" suscite la réflexion du penseur allemand. Il signale comment l'intérêt de l'auteur pour ce thème se concentre sur l'étude comparative des religions et de ses analyses sur le capitalisme, surtout la manière dont elles sont exposées dans son oeuvre capitale "Economie et Société". De cette façon, il se propose d'utiliser les idées webériennes pour la discussion sur la famille dans la pensée sociale classique.

Mots clés: Max Weber, théorie sociale, groupe domestique, capitalisme, famille, religion.